

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA É ARTES

| | | | | |
|--|----------|--|--|-------------|
| Condições da assignatura (sem brinde) | | Editor e administrador JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL Typ. de J. F. Fonseca—Piedade, 74 | Condições da assignatura (com brinde) | |
| Por anno (Portugal e Hespanha) | 800 reis | | Por anno (Portugal e Hespanha) | 1\$000 reis |
| India, China e America. | 1\$200 » | | Numero avulso | 400 » |

SUMMARIO—Dedicação a Maria — SECÇÃO DOCTRINAL: *Provisão do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto, com referencia ao Jubileu Pontifical—Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, bispo do Funchal, com referencia á penitencia quadragesimal; Os Centros nacionaes*, pelo sr. A. Peixoto do Amaral.—**SECÇÃO CRITICA:** *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo sr. Agostinho Salvador Ferreira — **SECÇÃO HISTORICA:** *Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*, pelo Rev.^{mo} Padre João Vieira Neves Castro da Cruz—**SECÇÃO LITTERARIA:** *Milicia Christã* (2.^a

parte), pelo rev. sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya; *Vá lá* (poesia) pelo sr. Alves d'Almeida; *Crentes e Rescrescentes* (romance de propaganda religiosa), pelo sr. A. Peixoto do Amaral — **SECÇÃO ILLUSTRADA:** *Herodes é coroado no Capitolio por Antonio e Octavio; Santa Catharina de Sena, Virgem*—**SECÇÃO NECROLOGICA**—**SECÇÃO NOTICIOSA.**

Gravuras: *Herodes coroado no Capitolio por Antonio e Octavio; Santa Catharina de Sena, Virgem.*



Santa Catharina de Sena, Virgem



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Deus te salve, Maria, verdadeira Sara, Senhora das gentes, formosissima mãe do verdadeiro Isaac, sorriso e alegria de todo o universo; formosissima e discreta Rebeca, que apagas a sêde do servo de Abraham e de seus camellos; esposa do verdadeiro Isaac, Christo Senhor nosso, Mãe de Jacob (isto é), de todos os que enganam os vicios, e vão pela Fé até Deus, aos quaes alcançaste a benção do Pae.

Invocae a Maria.—Deus te salve, Maria, escada de Jacob, que chega da terra ao céu, pela qual sobem e descem os varões angelicos, e na qual repousa e descansa o Senhor; formosissima Raquel mais amada de Jacob, Christo nosso bem, que de todas as demais creaturas; Mãe do verdadeiro José e Benjâmin.

Alegrae a Maria.—Deus te salve, Maria, Sarça de Moysés, onde esteve a chamma de fogo, que é o Verbo divino; o qual sabindo de ti revestido da forma humana, não queimou todavia a tua integridade e pureza virginal.

(Das «Saudações à Immaculada» por F. A. Alvarado).

SECÇÃO DOUTRINAL

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

Aos que esta nossa Provisão virem, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador

Ha dias na vida dos povos cuja commemoração reveste grande solemnidade, porque n'elles se manifestam d'um modo especial os sentimentos dos seus filhos.

Estes, cujas almas pulsam de ge-

nerosos affectos e intensos sentimentos, não pôdem deixar de os exteriorisar com toda a sua energia e d'ahi as publicas manifestações que, de espaço a espaço, apparecem para darem largas a esses sentimentos.

E essas manifestações publicas são tanto mais justificadas, quanto maior é a estatura do heroe alvejado e tanto mais universaes, quanto maior é o seu dominio.

D'ahi os centenarios que immortalizam, e as apotheoses que engrandecem; d'ahi tambem os jubileus d'ouro ou prata com que os individuos, as familias e as nações celebram o quinquagesimo ou vigesimo quinto anno d'algum acontecimento importante, ou facto grave da sua vida.

Estas manifestações tambem quadram com a natureza e indole da Igreja, que outra coisa não são as solemnidades em honra dos filhos mais eminentes e as commemorações dos seus feitos mais heroicos, e datas mais gloriosas.

Para com os seus ministros a Igreja permite e adopta simillhantes demonstrações e, atravez dos tempos, tem commemorado o dia da recepção da ordem sacerdotal, a sagração episcopal e a eleição ou coroação do Pontifice Supremo.

Por este motivo aproxima-se o dia em que devemos commemorar o 25.º anniversario da coroação de Leão XIII como Supremo Pastor dos fieis.

D'este Pae carinhoso já seus filhos commemoraram em 31 de Dezembro de 1887 o quinquagesimo anniversario da recepção da ordem sacerdotal, e em 19 de Fevereiro de 1893 egual jubileu da sagração episcopal.

Por occasião d'estes dois anniversarios em todo o orbe se promoveram publicas demonstrações de regosijo; os fieis catholicos, em unisono sentimento, procuraram então dar largas aos seus filiaes affectos e em toda a parte se entoaram hymnos d'agradecimento a Deos por ter dado á Igreja Pae tão carinhoso, e a todos os povos guia e conselheiro tão eminente. Mas se então os dois factos,—Jubileu sacerdotal e episcopal de Leão XIII—mereceram, e com justiça, festas de todos os catholicos, estas devem ser muito superiores quando se celebra a coroação de Leão XIII como Supremo Pastor da Igreja Catholica. Não é do simples sacerdote, ou do bispo insigne o jubileu que se aproxima; mas é o do Sacerdote dos sacerdotes, o do Bispo dos bispos,—o Chefe Supremo da Igreja Catholica, o Representante visivel de Jesus

Christo—cujo vigesimo quinto anno da sua coroação se vae celebrar no dia 3 do proximo mez de Março.

Quão merecidas são as homenagens projectadas por tão fausto acontecimento, attestam-no bem claramente a estatura gigantesca de Leão XIII, as obras do seu longo Pontificado, a sabedoria das suas encyclicas e até o testemunho d'aquelles que, não sendo seus filhos, se teem, por muitas vezes, acolhido á sua protecção.

Das projectadas festas cómmemorativas do Jubileu Pontifical já demos conhecimento aos nossos diocesanos na Pastoral de 11 de novembro de 1901 acerca do Dinheiro de S. Pedro.

Por essa occasião dissemos que a Comissão de Solemne Homenagem a Jesus Christo Redemptor e ao Seu Augusto Vigario alimentava a esperanza de poder celebrar o anno jubilar do Pontificado de Leão XIII, que principiará no dia 20 de fevereiro corrente, e para este fim pedimos o effizaz auxilio dos nossos cooperadores.

Essa Comissão já se dirigiu aos Rev. Parochos e fieis da Diocese solicitando um modesto obulo para o Santo Padre.

Pela nossa parte recommendamos d'um modo especial a collecta para o Dinheiro de S. Pedro, e renovamos hoje o Nosso pedido, esperando que nenhuma freguezia deixará de ser representada nas contas do corrente anno.

Agora havemos por bem determinar mais o seguinte:

1.º Sem impormos obrigação, é Nosso maior desejo que todos os Presbyteros da Diocese celebrem uma missa que será applicada segundo a intenção do Santo Padre.

2.º Que os Rev. Parochos e Capellães de Igrejas ou Capellas, onde se conserve o SS. Sacramento, entoem o *Te-Deum*, ou ao menos, se exponha o SS. á bocca do Sacrario e se rese o Terço ou outras orações,

3.º Que os fieis offereçam communições e recitem preces particulares, tudo com a intenção indicada.

Todos estes actos recommendados terão lugar desde o dia 20 do corrente ao dia 3 de Março, como melhor convier.

4.º No dia 3 de Março, anniversario da coroação, ao meio-dia, terá lugar na Sé um solemne *Te-Deum* para o qual desde já e por esta forma convidamos não só os Rev. Parochos, como tambem os Presbyteros das freguezias da cidade e circumvisinhas, que não estejam legitimamente impedidos e os fieis.

Esta nossa Provisão, registada na forma do estylo, será remettida aos

Rev. Parochos para a lerem á estação da missa conventual no domingo immediato á sua recepção e da mesma darão conhecimento aos Presbyteros e mais fieis.

Dada no Porto e Paço Episcopal, sob Nosso signal e sello de Nossas armas, aos 15 de Fevereiro de 1902.



ANTONIO,
Bispo do Porto.

O SECRETARIO,

Antonio Ferreira Pinto.

D. Manuel Agostinho Barreto, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal, (ilha da Madeira e Porto Santo), Prelado da casa de Sua Santidade, do Conselho d'El-Rei, etc. etc. etc.

*Aos nossos amados diocesanos,
Clero e Fieis, saude, paz e benção
em Nosso Senhor Jesus Christo,
que de todos é unico remedio e
segura salvação.*

Mane nobiscum, quoniam advesperascit et inclinata est jam dies.

S. Luc. xxiv, 29.

Vae-se tornando sombrio cada vez mais o nosso tempo e, com este, nós vamos envelhecendo tambem. E parece que, com a proximidade do fim, devêra o mundo e seus habitantes atender mais seriamente ao futuro de seus destinos, para não mentir á missão que lhes incumbem. Por desgraça tal não succede; pois vemos a sociedade cada dia mais desnordeada, preocupando-se extremamente da vida do tempo e, por isso mesmo, esquecida quasi por completo da vida eterna. A Igreja catholica romana, como mãe carinhosa e mestra esclarecida e zelosa, está clamando sem cessar contra esse fatal esquecimento, mas, nem sempre, nem por todos são ouvidos taes clamores, e os abysmos da morte vão recebendo milhares e milhões de desgraçados, que n'um momento passam do presente á eternidade, quasi sem se aperceberem do perigo assombroso d'este passo tremendo. Como isto nos entristece e faz tremer, por nós e pelas desgraçadas victimas d'esta fatalissima inconsciencia!

Que faremos, pois, para esconjurar este perigo terrivel, ao menos, de nossos carissimos diocesanos? Orar e bradar, vigiar e persistir, como nos re-

commenda com tanta instancia o Evangelho: *Videte, vigilate, et orate: nescitis enim quando tempus sit* (S. Marc., XIII, 33).

Esta doutrina celeste, ensinada por Jesus Christo e confiada á guarda da sua Igreja, para que esta a apostolasse no decurso dos seculos, é sempre antiga e sempre nova como o seu mesmo Auctor. Podem insurgir-se contra ella os espiritos orgulhosos e desvaireados, mas o bom senso, a prudencia e a verdadeira sabedoria não de reconhecerem e apreciar o sempre. Não prestam todos a devida attenção á voz da consciencia, porque esta se cala quando a paixão e o erro clamam mais fortes, mas é incontestavel que a verdade suprema dominará como soberana a despeito do desprezo, do odio e da perseguição. Nunca a Igreja catholica perderá o seu imperio no mundo, podendo todavia succeder que se ausente do meio d'um povo para estabelecer o seu dominio em outro. E ai do paiz que tiver a desgraça de tornar se infiel... Por isso nós devemos pedir com instancia e fervor ao nosso divino Mestre se não retire de nós. Vae-se escurecendo o lume da fé entre nós; desertam das praticas religiosas alguns de nossos irmãos; perdem-se n'alguns lares as piedosas tradições de familia; toma a indifferença o lugar que occupava o fervor; surge, até, o odio nas almas que foram regeneradas nas aguas do baptismo; declara-se guerra cruel ás nossas crenças religiosas; procura-se abalar os fundamentos mais solidos da religião; ergamos os olhos ao ceu, imploremos a divina assistencia do Salvador e digamos, como outr'ora os dois discipulos de Einmaus: *Mane nobiscum, quoniam advesperascit, est jam dies* (S. Luc., XXIV, 29).

Estamos á beira do abysmo, proximo da sepultura e prestes a resvalar; valei nos Senhor, senão morreremos na desgraça e na ignominia.

*

Ora não ha voz terna como a da Igreja, nem outras entranhas de mãe bondosa e solícita como as d'ella. Levantem-se muito embora uns certos humanitarios, que procuram insinuar-se na alma popular, para ali bannirem a idea religiosa; não é de amigos sinceros e desinteressados o seu proceder, como a curto trecho se revela. Se tivessem amor ao povo e tambem consciencia do que a este mais importa, seguiriam caminho diverso. Em vez de lhe fallarem ás paixões, incitando o á revolta e ao odio de classe, procurariam antes de tudo esclarecer os espiritos e amaciar os corações, ensinar a caridade e a paciencia, fallar mais de obrigações que de direitos, exactamente como faz a santa Igreja.

Nunca se viu germinar a virtude em peitos ulcerados pela inveja; jámais se encontrou a probidade e a honradez em almas ermas de crenças; nunca a humildade e o respeito se concentraram em espiritos soberbos e revolucionarios. Missões de communismo, anarchia e socialismo são apenas aptas para desgraçar um povo, tornando-o indomito e odiento aos poderes constituídos, aos elementos de ordem e por fim a si proprio.

Quando lavra a desordem no seio da sociedade ninguém póde ser feliz, ou viver tranquillo.

Mas a Igreja ensina e proclama a paz como elemento seguro de ventura. Ensina que, para se adquirir na vida alguma felicidade, é necessario, antes de tudo, levantar as almas ao céu, pensar em Deus como Senhor, Creador e Redemptor do mundo; conhecê-lo, amal-o e servir-o n'esta vida para o possuir na eternidade. E só assim se acalmam as paixões e reina a paz nas almas; só assim alcançaremos viver bem connosco e com o proximo, no tempo e na eternidade.

Vamos, pois, sempre com a fé de nossos paes, sigamos-lhes as pegadas, fechemos os ouvidos e voltemos as costas a esses fatidicos innovadores que presumem de mais sabios do que Deus, mais amantes do que Christo, mais sabedores que o Mestre Divino.

Afervorem-se os crentes sinceros; despertem se os frouxos e esquecidos; convertam-se os inimigos e odientos. São os nossos votos; serão os nossos esforços, que prosseguiremos em quanto Deus, por sua infinita misericordia, nos conservar vida e forças.

I

São muitos os chamados e poucos os escolhidos (S. Math., XX, 16). E' de fazer espanto e tremor esta palavra do Evangelho; mas é, como toda a doutrina consignada n'este codigo divino, a expressão d'uma verdade inconcussa, que diariamente vemos confirmada por assustadora realidade.

E não tremerem todos os que ouvem essa aterradora palavra e observam d'ella a continuada realisação!

Assim é o espirito humano, tão susceptivel de esquecer a realidade mais assombrosa do que apprehende. O pó do mundo escurece a nossa vista e esconde-nos o verdadeiro caminho da felicidade e do dever.

Por isso bem dizia S. Paulo, ou antes o Espirito Santo por sua bocca: *Nolite conformari huic saeculo, sed reformamini* (Ad Rom., XII, 1, 2 e 3).

Um dos grandes e temerosos erros do presente é a baixa adulação, antes diriamos idolatria, prestada ás ideias

correntes nas diversas classes sociaes, onde se venera e respeita a sciencia, embora esta seja inimiga de Deus; onde se vae arrastando a creatura na verdade do prazer, procurando uma vida facil e commoda, com horror ao sacrificio, sorrindo para tudo quanto lizongea a carne e tomando odio á penitencia e ao constrangimento da vontade. Pois é ainda com a grande auctoridade do Apostolo que vos digo e exoro: «Meus irmãos, eu vos supplico pela misericordia de Deus que lhe offereças vossos corpos como hostia viva, santa e agradável ao mesmo Deus, prestando-lhe um culto racional... Pois tambem a todos declaro, com a graça de Deus, não deve saber-se mais do que é conveniente saber, mas saber o sufficiente e cada um como Deus lhe repartiu a medida da fé».

(Continua)

Os centros nacionaes

A *quelque chose malheur est bon*, dizem os francezes, e dizem uma grande verdade. Os erros dos governos, desperdiçando as forças vivas da nação, foram a causa do grande desenvolvimento que por todo o paiz vae tomando o nacionalismo. E é por isso que os centros nacionaes, a despeito da guerra que por todos os lados lhe estão fazendo, crescem a olhos vistos, zombando das criticas, dos sorrisos de mofa e de todas as chufas que de todos os lados lhes atiram os que julgam ver n'este novo e florescente partido um phantasma atravessado no seu caminho.

E tendo os partidos usado e abusado da indiferença publica, restava apenas a republica aos que, descrentes da politica militante, quizessem optar por *vida nova*. Mas havia uma grande impossibilidade pelo que dizia respeito aos catholicos, que, em Portugal são a grande maioria do paiz: a republica estava desaccreditada, antes de ser chamada a gerir os destinos da nação, e declarava de mais a mais a guerra de morte á religião de Jesus Christo.

Que restava fazer? Um partido novo, em que, conjunctamente com um programma de moralidade, se declarasse ser um partido nitidamente catholico.

E surgiram os *centros nacionaes*, exactamente quando um governo, desaccatando as vozes da opinião publica, lavrava um decreto em que dava morte a todas as congregações religiosas, pois que outra coisa não era conceder-lhes a existencia, com o nome de *associações*, mas sem profissões, nem votos, nem clausura.

Eis a razão porque toda a parte se fia e pensante do paiz, os que vivem

do seu trabalho, os que carecem de trabalhar com o suor do seu rosto para viverem, se consagraram de alma vida e coração ao novo partido nacional.

E como a principio pouco fizessem os centros nacionaes por estarem com dias apenas de existencia, riam-se os seus inimigos, julgando tudo puerilidades. Agora, porém, que os seus prestigiosos chefes levantaram a luva no parlamento, e que os dirigentes dos partidos politicos se convenceram de que os centros nacionaes, longe de serem conventiculos de creanças, eram um partido serio, e um partido a valer, saltam por cima os criticos, chamando-lhes *niguelistas* á falta de coisa peor, com que podessem denegril-os.

E até—*si vera est fama*—um dos ministros da corôa, fazendo pouco caso dos ataques do sr. general Dantas Baracho, por ser uma pessoa isolada, se arrecea do sr. conselheiro Jacintho Candido, por ser chefe d'um grupo, que lhe obedece. Não é um grupo, excellentissimo senhor, é um partido solidamente constituido, e que dentro de dois ou trez annos deve predominar em absoluto sobre todos os outros.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

Emprego—mania, ou manias d'empregos e mais empregos, estão-nos dando um pessimo resultado. Não conhecemos já os homens, e menos ainda suas aptidões: e, por isso praticamos desvarios, dando-lhes considerações que não merecem. Parece haver somente logares para os homens; não homens para os logares. Como anda tudo invertido!...

A sociedade tem exigencias terribes: estas, que parecem necessidades urgentes, hão de satisfazer-se, ainda que a muito custo. Socialismo, cada vez mais, é o que mais ha. Não esqueçamos que seja qual for nosso emprego, nosso primeiro dever é o de reflectir na salvação de nossas almas; o mais, elle virá.

E' para Deus que nós trabalhamos: é na outra vida que nós havemos de ser todos pagos de nossas fadigas. Antes, durante, apoz o exercicio de nossas funções, elevemos nossos corações para Deus; «quem é fiel a Deus não tem senão um espirito com elle» pois, estejamos-lhe sempre unidos.

Exigimos tantas conformidades da parte das pessoas que desejam ser nossas amigas, e Deus um amigo, um pae que não sabe, de modo algum exigir

de nós o que não podemos fazer, não ha-de ser correspondido? Sua vontade sempre foi e ha-de ser o principio de nossa vida espirital, e actividade religiosa. E não havemos de fazer a vontade a Deus omnipotente?!

Pobres creaturinhas que somos nós, umas creaturas que até procuramos, em balde, destruir o Creador, que nos tirou do nada! E a moda ou maré vae tambem de suicidios, coitadinhos! Quem não pode matar outrem, a si se mata;...;...; quem se metter em juroes vae para o Brazil; e que remedio? mas o peor é que ficamos aqui sem braços, e as nossas possessões ficam a apitar, como fica uma locomotiva.

Aquelle que se metter em juroes tem de se retirar logo para o Brazil; aliás, aqui, não se salva. Forte governo temos nós! Cria receitas, e a fome, para si e para seus amigos; para nós, tam somente dispendios, despizas e mais despezas; receita, não. Estamos a braços com agriculturas, uma industria má! todavia ninguem nos quer soccorrer.

Tantos cavalheiros d'industrial e o governo não se compadece!

Podia moralisar isto muito bem para evitar tantas despezas, porem antes quer a despeza inutil. Rouba sempre ou commette o furto quem o quer fazer; mas o governo antes quer o aparato da força deshumana, que não vale muitissimas vezes para o interior do homem.

Eu posso ser um santo. Minha consciencia me affirma isto mesmo. Uma voz intima isto me repete, sem cessar: para o ser não se precisa senão de uma verdadeira boa vontade. Deus o quer: resta-me somente o querer eu tambem ser, ou executar e fazer bem, com a maior perfeição que ser possa. Seja eu um santo, posto que me custe, dizem homens que fortemente o que-rem e teem querido ser: e teem-se, assim, sahido felizmente muito bem. Eu devo, por consequente, ser um santo. Minha vocação isto mesmo exige imperiosamente.

«Sede tambem santos, Deus o diz áquellas pessoas que lhe são consagradas, porque sou eu santo.» Chama nos, o mais frequentemente, assim. «E' a Sua vontade que nós venhamos a ser santos (I, Them., IV).»

Para isto é preciso que nós amemos o proximo, não com a lingua e palavras, mas por obras e na verdade. «Logo, é-nos indispensavel não affligir ninguem sinceramente, na angustia de seus males, e nos regosijos de suas riquezas; atural-o, desculpal-o, perdoar-lhe sem prejuizos; nem o julgar; nem o desacreditar, nem o offender; auxilial-o no espirital e no temporal; em

uma palavra, fazer por elle o que nós fariamos por nós.

Nada ha mais rigorosamente inculcado no Evangelho que tudo isto. Meu Deus, eu vos rogo com instancia que me concedaes o verdadeiro espirito da caridade christã, para que ame vossos filhos no tempo e na eternidade. Não tenha eu aquella caridade pagã que tanto nos deshonra,—o paganismo da educação pagã,—uma segunda natureza perversa!—o dar o meu amor a seres que são tam pouco dignos d'elle, tendo uma fria indiferença pelo Creador, a quem devo pertencer inteiramente

Oh! como somos felizes quando amamos e servimos a Deus de todo o nosso coração. E' o primeiro mandamento do Decalogo: *Amarais o Senhor vosso Deus, de todo o vosso coração e com todas as vossas forças*, que tudo isto nos ordena. Tudo mais é comedia: todos desempenham seus papeis; mas nós exclamamos como o sabio: «Vaidade das vaidades, tudo é vaidade na terra, fóra o amar a Deus e o servir». Servir verdadeiramente a Deus é reinar cá no tempo e lá na eternidade.

Todos queremos hoje ser uns reis, um reininho, pelo menos; porém, trabalhar para o ser no céo tambem, não queremos nós isso. Pois, é a santidade para nós, a felicidade para outrem, e, para ganhar para Deus, é o meio por excellencia.

Está n'isto a prudencia do bom successo em nossas obras: esquecer-se a si mesmo; desprezar seus proprios interesses; occupar-se dos interesses d'outrem em ordem á salvacão de suas almas: é assim que deve ser, como um outro Jesus Christo, um bom padre, uma pessoa veedadeiramente religiosa, como muito bem nos ensinam.

Assim, é assás evidente que a piedade, tam necessaria para os leigos, não é menos vantajosa para religiosos.

O amor filial é «util para tudo». Não ha como é o amor e submissão aos legitimos chefes. Elles vigiam pôr nós, quando são bons, não tyrannos, perturbadores, emfim, socialistas.

Paradella, villa extincta.

(Continua.)

AGOSTINHO SALVADOR FERREIRA

SECÇÃO HISTORICA

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo

Merecem ser archivados na historia os nomes de todos os homens que se distinguiram por suas virtudes, por sua sciencia, nas letras ou nas armas, e ainda em qualquer arte, e cuja pas-

sagem no mundo foi assignalada por factos honrosos á patria, á humanidade e á civilisação.

Hoje em dia, e de certos tempos a esta parte, falla se muito em progresso e civilisação, não raras vezes procurando deprimir outros seculos passados, que pretendem ser de trevas, obscurantismo e ignorancia.

Mas não é tanto assim: houve sempre, em todas as epochas sciencia, illustração, luzes, progresso, civilisação. E, depois, o verdadeiro progresso tem por base e por origem o christianismo, e sem elle não ha progresso moral.

Um dos homens, que immortalisou o seu nome n'este campo, e que a historia não póde deixar de mencionar nos seus annaes, é o *Padre Gradiz*. Era no seu tempo assim vulgarmente conhecido Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, sabio e studiosissimo antiquario.

E foi assim chamado porque nasceu na pequena freguezia de Gradiz, no concelho de Aguiar da Beira, diocese de Vizeu, a 13 de maio de 1744.

A freguezia de Nossa Senhora de Gradiz está situada na raiz oriental da penhascosa e desabrida serra da Lapa, em logar ameno, abundante de vinho, cereaes e deliciosas fructas.

Pois bem, foi aqui que viu a luz do dia o nosso Padre Viterbo, ou Frade Viterbo, porque foi frade. E não se admirem d'isto. Nos conventos houve sempre homens doutissimos e de acrysoladas virtudes.

O nosso Joaquim de Gradiz, foi effectivamente frade, e frade franciscano. Professou no convento de menores reformados, da provincia da Conceição, a 7 de setembro de 1760. Como o dia anterior a este é o de Santa Rosa de Viterbo, eis a razão porque frei Joaquim na sua profissão religiosa assim se appellidou.

Dentro de pouco tempo, o joven frade evidenciou a sua aptidão para o estudo, sendo assiduo n'este trabalho, depois do comprimento dos seus deveres monasticos.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo tinha uma memoria rara, e de tal retentiva, que bem se podia dizer que a sua cabeça era uma livraria.

Passava quasi todo o seu tempo a ler ou a escrever; em poucas materias scientificas era hospede.

A sua paixão dominante era a historia e, sobretudo as inscripções e monumentos e manuscriptos antigos; materias em que foi um mestre consummado.

Nenhum chegou como elle em Portugal a profundar este assumpto, como attestam os seus escriptos, e principalmente o seu *Elucidario*, obra mereci-

damente estimada pelos sabios nacionaes e estrangeiros.

José Simões Dias no seu *Curso Elementar de litteratura portugueza* chama-lhe «indefesso investigador de antiguidades.»

Para a composiçãõ d'esta obra que consta de dois volumes, *in-folio*, viajou Frei Joaquim por muitas partes do nosso reino, indagando e examinando os monumentos romanos, gothicos e arabes, e esquadrinhando todos os manuscriptos antigos e raros, para o que estava munido d'uma ordem regia.

Ora já se vê que isto era um trabalho enorme, prova de grande zelo do frade do convento da *Fraga*, em Ferreira de Aves, onde viveu, escreveu e falleceu o illustre antiquario.

As copias tiradas por elle ficaram valendo como originaes, por uma provisãõ do rei, o que demonstra claramente a grande estima que mereciam.

Trabalhou muito na Torre do Tombo, e foi-lhe offerecido o logar de guarda-mór. Tambem se lhe offereceu um bispado no Ultramar; mas nada d'isto acceitou.

Porque Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo era inteiramente despido de ambição e de interesses terrenos, procurando unicamente a gloria da patria, o progresso das sciencias, para honra de Deus e bem da sociedade.

Alem d'um grandissimo numero de manuscriptos que mandou para a Academia real das sciencias de Lisboa, da qual era correspondente, e do que trabalhou na chronica da sua provincia, compoz as obras seguintes:

Sermões apostolicos originaes 1 volume.

Elucidario das palavras, termos e phrases que antigamente se usaram em Portugal, 2 volumes in-folio.

Diccionario portatil das palavras, termos e phrases que antigamente se usavam e que hoje se ignoram, 1 volume.

Historia universal e chronologica da Igreja de Portugal.

Todas estas obras estão impressas. Deixou, além d'isso, algumas manuscriptas, entre as quaes merecem especial menção as seguintes:

Botica rural.

Thesouro da misericordia divina e humana.

Apparatus ad universam theologiam.

Companheiro fel.

Compendio do diccionario de Moreiri, com addições e notas.

Resumo do viajante universal.

Finalmente deixou ainda varias obras ineditas, de menos importancia.

Nos ultimos annos da sua vida, estando Frei Joaquim no mosteiro da Fraga, em Ferreira de Aves, foi accommettido d'uma apoplexia, que o



Herodes é coroado no capitolio por Octavio e Antonio

obrigou a pôr termo aos seus trabalhos litterarios.

Falleceu a 13 de fevereiro de 1822.

Eis, em resumo, a vida e as obras do insigne antiquario, fallecido ha 80 annos, mas cuja memoria será immortal.

Padre JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ,

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

5.ª PARTE

XXI

S. José

Foi elle o escolhido do Senhor para depositario dos mais transcendentis mys-

terios e dos mais preciosos thesouros, que Deus aos homens confiou e a infinita sabedoria, que n'elle confiou, é porque sabia que as virtudes de José, obra da divina graça e da sua correspondencia d'elle fidelissima, eram muito singulares.

Occultou-se essas virtudes, para nós, sob um mysterioso véo juntamente com as divinas da vida occulta de Jesus e as singularissimas de Maria, talvez porque Jesus quer que nos bastem os seus prodigios e a sua divina palavra, para irmos apoz Elle humildes e reverentes e tambem para que não percamos de vista a Divindade entretidos com o humano pôr grande que seja.

Mas qual seria a virtude de José

para merecer que a Santissima Trindade lhe dêsse por esposa a Maria, a Virgem Immaculada, destinada ao eterno, para ser mãe do Divino Verbo encarnado?

Sómente Deus o sabe e a poderá devidamente aquilatar.

Mas a honra de Deus e da sua Mãe Santissima pedem que ella fôsse excepcionalmente grande e a infinita justiça de Deus, que proporciona os meios para preencher o fim, que graças não teria concedido a José escolhido, para missão tão alta!

O esposo da Virgem purissima certamente que o escolheu a Providencia divina, puro, lidimo e perfumado como a flôr do ceem; prudente e alumiado

por uma sciencia superior adequada ao valor do deposito que lhe ia ser confiado: humilde a tanta altura, que a sua companhia não offendesse, mas honrasse as personalidades mais sublimes e mais humildes, que palmilharam esta terra, logar de desterro e habitada por miseros peccadores.

No amor de Deus deveu tambem José pairar tão alto como os mais abraçados seraphins: porque nos apparece na terra collocado por Deus na mais intima união com a Santissima Virgem Maria, rainha de todas as celestes potestades: e a tanta honra não seria elevado se em azas do divino amor não se elevasse, nem Deus o escolheria para espozado da Virgem Maria que é a creatura que mais amou e ama a Deus, se elle não fôsse distintissimo entre os mais amantes, nem a infinita sabedoria o escolheria entre todos, para prehencher os misteres de pae na meninice e na infancia, para com o divino Verbo encarnado. Nem outro homem algum viveu vida tão intima com o seu Deus, como S. José, e essa intimidade foi sem duvida, a grande obra e a melhor escola do amor divino.

Jesus que preferiu o pão, que José lhe dava a todo o outro pão, é porque entendeu que ninguem lhe daria pão com tanto amor.

Será pois por todos venerado este grande e singularissimo protector da Igreja catholica, e que as suas virtudes sejam a fulgurancia que nos leve contentes apoz Jesus e Maria.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Vá lá

Já não longe do sepulchro,
Sem nenhuma auctoridade
Vou dizer á mocidade
Que não julgue o mundo pulchro
Aos cincoenta annos de idade.

E n'este dizer cazeiro,
Significar á vaidade
Que não offenda a Verdade,
O sempiterno luzeiro
Que nos brada «Eternidade!»

E á inveja, que não babe
O pé do seu semelhante,
Para que na campã atrante
Nem tudo o que vive acabe
Do homem... sempre inconstante.

E á ambição, que não subtraia
O que for de seu irmão,
Porque da ceia mansão
Ao julgamento não caia
Nas espeluncas do Plutão!

E á presumpçõza altivez,
Que não despreze a gentalha
Que todo o anno trabalha
Sessenta dias por mez
Para lhe dar... grão e palha,

E a toda a torpeza, em summa,
Por não 'star a amiudar...
Que tracte de se emendar,
Porque assim de fô-m'alguma
O Reino ethereo ha de aclarar...

Todo aquel que entende e sabe
Que o sepulchro não encerra
Senão o que em nós é terra,
Ainda que o ceu desabe,
Só por muito inconsciente erra.

Logo, o mau não acredita
Que além campã passe alguém,
Nem consente que a ninguem
Seja dada aquella dicta
Que os selectos do ceu teem.

E portanto o mal caminha
Como sempre caminhará,
Porque o Erro começara
Logo que a serpe damninha
A' Mãe de Abel enganara.

Ergo, não se pode crer
Que este mal venha a acabar,
Quando pelo seu andar
Estamos fartos de ver
Que só promete augmentar.

E em vista d'estas razões,
Tambem nós acima erramos
Quando a torpeza prasmamos,
E um mundo de vis paixões
Capaz de emenda julgamos.

Agora o que isto podia
Era talvez moderar-se
E pouco e pouco honestar-se,
Porque hoje o mal á porfia
Em moral quer transformar-se.

E, ponto, para acabar:
Quando o crystal escurecer
E o marfim apodrecer,
O cyclo vae terminar,
Porque afinal... tem de ser.

ALVES D'ALMEIDA.

Crentes e descrentes

(Romance de propaganda religiosa)

VII

Odio de setta

(Continuado da pag. 32)

PREZ dias depois, durante os quaes se repetiu a scena descripta no ultimo capitulo, estava o snr. Almeida no seu escriptorio na rua das Flores, seriam 11 horas da manhã, occupado a cotejar umas facturas, quando vê entrar um individuo mal trajado, que depois de o cumprimentar, lhe entregou uma carta.

—De mando de quem vens?

—Não sei bem responder a essa pergunta—retorquiu o recém-chegado. Essa carta foi-me entregue na praça de D. Pedro por um sujeito d'oculos, que me recommendou que viesse depressa.

—Dá cá.

E o snr. Almeida pegou na carta, cujo envelope rapidamente rasgou.

E passando uma rapida vista d'olhos pelo seu contheudo, leu o seguinte:

«Presado amigo. Que tal vae o nosso negocio? Ha dias que o não vejo, e estou ancioso por saber noticias. Logo que a rapariga esteja bôa, é necessario metter mãos á obra. E' preciso que esses carolas sejam calcados, e já que se não póde castigar culpados, é bom aproveitar todas as occasiões. Escuso dizer mais nada, porque o amigo bem me comprehende. O rapaz está fóra do Porto, como sabe; mas como em tempo namorou a rapariga, e ha testemunhas d'isso, nada mais facil do que fazel o auctor da brincadeira. E demais são factos de que elle se não póde justificar. A questão é peitar as testemunhas, e andar para a frente. Sabe o mal que elle nos fez, porque se não fôsse elle, podiamos abotoar-nos com aquella herança que sabe. E por isso as coisas pagam-se. E sendo accusado elle, cae a sopa no mel, porque arranjo um artigo para a *Lucta*, que ha de dar brado por ser elle conhecido por *papa-Christos*. O Urbano de certo nos coadjuva. E a nossa loja consegue mais um triumpho. Se poder hoje dispensar as suas viajatas nocturnas, appareça na loja, porque temos muito que fallar. Seu amigo, F.»

Apenas terminou a leitura, abriu a bolsa, e dando cem reis ao portador da carta:

—Pódes ir embora—disse seccamente.

O homem agradeceu e saiu.

O snr. Almeida tirou a carteira da algibeira interior do *frack*, mettu dentro a carta, tornou a guardar a carteira, e pondo de lado as facturas que estava conferindo, quedou-se silenciosamente a pensar.

Que tramariam aquelles ignobeis? Quem seria o rapaz a quem iam assacar aquella infamia? Os anti-clericaes! De que não seriam capazes aquellas almas, tratando-se de comprometter um joven catholico, elles que tremem, quando ouvem elogiar uma religiosa ou quando se lhes falla em qualquer acto do culto religioso?

O seguimento do nosso veridico romance illucidará os leitores.

Depois de ter pensado alguns momentos, tomou uma fôlha de papel e escreveu algumas linhas, que em seguida assignou. Fechou a fôlha n'um envelope, escreveu n'elle duas linhas, e agitou uma campainha.

Appareceu immediatamente um criado.

—Vae levar esta carta á rua de Codofoita. Sabes a quem é?

—A'quelle sujeito, a quem tenho ido por mais vezes, não é?

—Exactamente.

O creado pegou na carta e saiu.

Continuou o snr. Almeida a lêr as facturas e a compulsar um livro que tinha deante de si, mas estava visivelmente constringido, porque parava de quando em quando, interrompendo o seu estudo, e ora olhava para o ar, ficando como que albeado a contemplar o tecto, ora ficava o rosto sobre a mão, detendo-se a contemplar o soalho.

E assim decorreu uma longa hora.

Depois tornou a pegar na carta recebida, leu-a com attenção, tomou alguns apontamentos na carteira, e pouzando tudo sobre a secretaria, levantou-se e começou o passear pela sala, onde mais dois empregados escreviam silenciosamente nas suas respectivas mezas.

De repente entrou novo personagem na sala. Era o nosso conhecido doutor, o mesmo que nos dois capitulos anteriores acompanhara o snr. Almeida na sua nocturna excursão a S. Mamede de Infesta.

—Pois já?—Perguntou o snr. Almeida.

—Ia a sair do consultorio, quando recebi a sua carta. Como se tratava d'urgencia, vim logo procural-o.

—Effectivamente preciso de lhe fallar, mas convem que passemos ao meu gabinete particular.

E dirigindo-se a um dos empregados:

—Seria bom—disse elle—que fôsse saber se a firma Bruno & Irmão paga amanhã a sua lettra.

—Vou já immediatamente—respondeu o empregado.

—Venha agora aqui, porque são duas palavras, que tenho a dar-lhe.

E dirigiram-se ambos para o gabinete contiguo, cuja porta fecharam sobre si.

Mal a porta se fechou, levantou-se o empregado a quem o snr. Almeida dera a ordem, e, sem dizer palavra ao companheiro, pegou no chapéu e saiu.

E o companheiro, vendo-se só, levantou-se da secretaria em que escrevia, dirigiu-se em bicos de pés, para a meza do seu chefe pegou na carteira, tirou d'ella a carta, leu-a n'um abrire fechard'olhos, e, com a mesma rapidez de prestimano, tirou uma copia, que guardou cautelosamente na algibeira, indo de novo sentar-se, retomando o seu trabalho.

(Continua.)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Herodes é coroado no Capitollio por Octavio e Antonio

(Vid. pag. 49)

Todos sabem quem era Herodes. Era o tetrarca que reinava na Judêa,

quando Jesus Christo veio ao mundo.

Quando Cesar morreu, Cassio e Bruto assenhorearam-se do poder romano, e impozeram aos judeus uma contribuição de guerra de 700 talentos.

Sendo depois derrotados nos campos de Phillipos, no anno 42 antes de Christo, foi a Asia invadida por Pacoro, filho do rei de Parthos.

Antigono uniu-se a Pacoro, e marchou sobre Jerusalem. Herodes fugiu, e foi a Roma pedir a protecção dos triumviros.

Antonio e Octavio proclamaram então Herodes rei dos judeus, destituindo Antigono de todos os seus direitos.

E veio Herodes para Jerusalem, onde reinou, sob a tutella de Roma.

* * *

Santa Catharina de Sena, Virgem

(Vid. pag. 55)

Santa Catharina, nasceu, conjuntamente com uma irmã gêmea, em 1347, sendo filha d'um tintureiro de Sena, na Toscana, chamado Thiago Benincase.

Desde muito nova que se dedicou d'alma, vida e coração á Santissima Virgem e a Jesus Christo. Era tal a sua virtude, e tamanhas as suas orações, que desde creança lhe apparecia Jesus ensinando-a e animando-a.

Mas, como era formosa e virtuosa, foi pedida em casamento por um gentil homem, com plena approvação de toda a familia.

Instada para dar a sua annuencia, cortou os cabellos, e cobriu a cabeça com um veo, para dar a intender, que preferia ser esposa de Jesus Christo. Em vista d'esta resolução foi encarregada de todo o serviço da casa, para não ter tempo de se dedicar a praticas religiosas. Jesus, porém, ensinou-lhe a perseverar, e ella resistiu. E apesar d'esse arduo trabalho, para uma donzella de 18 annos, ainda assim tinha continuos jejuns, e flagellava o corpo com uma corrente de ferro, cheia de agudos picos.

Afinal adoeceu. E a mãe, como apesar dos seus rigores, lhe queria muito, sabendo que ella dizia que só tinha saude entrando para a Ordem Terceira de S. Domingos, resolveu sollicitar o habito para sua filha.

Mal ella o recebeu, ficou livre, para poder entregar-se de corpo e alma a Jesus Christo. Tratou duas doentes, uma atacada de lepra, e outra soffrendo d'um cancro. Mas estas mulheres em vez de lhe serem gratas, caluniarão-na horrivelmente, até que foram forçadas a retratar-se.

Um dia appareceu-lhe Jesus, trans-

formado em pobre, e depois agradeceu-lhe a caridade que com elle tivera.

Estavam então os Papas em Avignon. E tendo-se levantado os florentinos contra a igreja romana, pediram a Santa Catharina que patrocinasse a sua causa. E ella foi a Avignon, foi recebida pelo Papa Gregorio XI, e abrandou o espirito de Sua Santidade, resolvendo-o a voltar para Roma, visto que a Santa Sé ha 70 annos d'ahi estava ausente.

Falleceu esta santa a 29 d'abril de 1380 aos 33 annos de idade.

SECÇÃO NECROLOGICA



FALLECIMENTO

Falleceu no dia 18 de janeiro passado em Fiães, Trancoso, o snr. Antonio Francisco, tio do nosso particular amigo e assignante o snr. Antonio da Silva.

O distincto finado era muito estimado pelos dotes do seu coração e caracter.

Morreu santamente pois recebeu todos os sacramentos.

A seu sobrinho e nosso amigo enviamos os nossos sentidos pezames e aos nossos leitores pedimos um P. N. e A. M. por alma do finado.

SECÇÃO NOTICIOSA

Falta de religião

Depois que a descrença começou a lavar no espirito publico, e a falta da fé a insinuar-se nas classes populares, começaram os costumes a transformar-se, e a sociedade soffreu um grande choque.

Veja-se como corre a educação popular, a falta de respeito que se tem hoje generalizado, e a tendencia que todos teem para contribuir para a decadencia dos costumes.

De forma que começou ha annos a generalisar-se os bailes carnavalescos em plena quaresma, aproveitando-se para isso a *mi-carême*, como se diz em França, ou a *quarta feira da velha*, como era costume dizer-se em Portugal.

Ha alguns annos havia apenas a costumeira de apparecerem por essas ruas meia duzia de papalvos, trazendo uma cadeira ou uma escada ás costas, e gritando com toda a força dos seus pulmões: *quem vem á velha!* E se algum pateta os seguisse, para, segundo o seu convite, *assistirem á morte da*

velha, levavam meia duzia de sopapos, e n'isto terminava tudo.

Depois foi augmentando o folguedo. Instituíram-se bailes, foliava-se toda a noite, praticavam-se actos pouco decentes. Era uma imitação dos costumes parisienses.

Em seguida augmentou o desacerto. Para imitarem costumes hespanhoes, instituiu-se agora no primeiro domingo da quaresma o baile intitulado da *pinhata*, e lá vão centenas de infelizes, no principio do tempo destinado á penitencia, a bailar, em festas carnavalescas, durante uma noite inteira!

E note-se, que toda a gente se queixava de que o entrudo estava sensaborão, que devia terminar por uma vez, e logo no primeiro domingo quadragesimal se apresentam tres ou quatro bailes de mascaradas, apimentadas com uns mirabolantes programmas, em que se convida a mocidade, para gosar os prazeres de Baco e de Venus, com toda a sem-cerimonia mythologica, como se isto fosse um paiz de selvagens, e como se a religião catholica não fosse a religião do estado!

O que admira é a auctoridade consentir tantos desmandos! O que não virá mais para o futuro, se a auctoridade não puzer cõbro a isso!

«Obras pastoraes do Ex.^{mo} Cardeal D. Americo»

Com este titulo acaba de publicar-se n'esta cidade um elegante volume de 313 paginas (primeiro da collecção).

Ningum poderá negar o merecimento e a importancia d'esta publicação, attenta a grande erudição e vastissimos conhecimentos que distinguiram o Ex.^{mo} Cardeal D. Americo.

A obra, bem impressa e em excelente papel foi editada e sahiu da typographia da Real officina de S. José. Vem antecedida d'um magnifico retrato e d'uma resumida mas interessante biographia do fallecido prelado, e logo a seguir transcreve-se a oração fúnebre recitada por occasião das suas exequias, por Mgr. Luiz Augusto Rodrigues Vianna, director espirital dos seminarios diocesanos.

Seguem-se depois as pastoraes de S. Ex.^a desde 24 de julho de 1871, até 22 de fevereiro de 1886.

Foi devido ao zelo e á illustração do Rev.^{mo} Dr. Antonio Ferreira Pinto, actual secretario do Sr. D. Antonio Barroso, que se publicou esta importantissima obra, tendo tido grande trabalho em colleccionar todos estes documentos.

Agradecemos o exemplar com que foi obsequiada esta redacção, assim como a honrosa dedicatória que nos foi endereçada.

Pastoral do Bispo do Funchal

Começamos a publicar no *Progresso Catholico* a notavel Pastoral, dirigida pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manoel Agostinho Barreto, dignissimo Bispo do Funchal aos seus diocesanos, por occasião da actual quaresma de 1902.

E' um documento importante que muito nos honramos em publicar, não só em attenção aos nossos assignantes da ilha da Madeira, como a todos em geral, porque todos os catholicos teem a lucrar, lendo pastoraes como são as publicadas pelo virtuoso prelado que preside á igreja funchalense.

Um prégador

Lemos no *Correio Nacional*:

«Foi verdadeiramente notavel a conferencia quaresmal realisada hontem na igreja de S. Sebastião da Pedreira pelo rev. dr. Luiz Cabral, sacerdote distinctissimo pelo seu talento, erudição e virtude.

O auctor do *Vieira Prégador*, digno e aproveitado discipulo de tão grande mestre, houve-se á altura da sua reputação, desenvolvendo, n'uma linguagem primorosa, encantadora e portugueza de lei, o thema: *Nem só de pão vive o homem*.

Os seus argumentos deduzidos com superior criterio e ao alcance de todas as intelligencias, calaram por certo no animo dos ouvintes que—triste é dizel o!—não enchiam a pequena igreja de S. Sebastião.

Sem um vislumbre de lisonja, pôde bem alto dizer-se que o sermão do rev. Luiz Cabral devia ser ouvido por muitos collegas seus, afim de aprenderem como se prêga a divina palavra...»

Sentimo-nos duplamente satisfeitos com esta apreciação, que sabemos ser a fiel expressão da verdade: por se tratar d'um Padre de Campolide e d'um portuense, aqui alta e merecidamente apreciada.

Cabo Verde

Lê-se n'um jornal de Lisboa:

Desde o mez de janeiro está-se notando n'esta ilha uma grande e assustadora diminuição na navegação, devido, segundo se diz, á enorme baixa de preço do carvão nos portos da America do sul.

Está reduzido a um terço o numero de entradas de vapores n'este porto, e isto está occasionando uma paralyção commercial que dia a dia se vae aggravando, receando-se a prolongação d'este estado deploravel por muitos mezes.

A importancia e a prosperidade da ilha de S. Vicente liga-se exclusivamente ao seu movimento maritimo, e uma derrocada estrondosa seria o termo do seu commercio e o definhamento

de toda a provincia, se os vapores se desviassem por muito tempo para outros portos para se abastecerem de carvão.

Vê-se, pois, como é de capital importancia o facto que se está dando.

Como natural e immediata consequencia da ausencia de vapores no porto, já se está fazendo sentir uma crise economica e de trabalho, que tem em sobresalto o commercio e todos que se interessam por esta ilha.

As casas carvoeiras aqui estabelecidas pouco prejuizo soffrem com este acontecimento, por isso que todas ellas teem depositos nos portos que estão fazendo tão esmagadora concorrência a S. Vicente, e esta circumstancia torna o problema de mais difficil solução por parte do governo.

Não levaremos porém, o pessimismo a ponto de acreditar que a villa de S. Vicente será abandonada de todo pela navegação.

Crêmos mesmo que a crise, embora se prolongue, ha de terminar, e o porto de S. Vicente retomará a sua incontestavel importancia e vantagem sobre os demais concorrentes; mas o governo ver-se-ha obrigado talvez a concessões ruinosas para o thesouro publico, para se sahir da armadilha que parece se lhe pretende armar, se não estudar bem a questão.

E' preciso não haver precipitações: a lucta é gigantesca e quiçá desastrosa por algum tempo, mas é de boa prudencia não haver transigencias faceis, que nos collocariam em muito peiores condições economicas.

S. Vicente é evidentemente e será um porto de escala obrigatoria para os vapores que demandam os portos da America do Sul e os da Europa no regresso.

Por uma especulação bem urdida e preparada, pôde aparentemente deixar de o ser por algum tempo; mas ha de fatalmente retomar o seu lugar.

E' mister, porém, não dormir sobre os acontecimentos: ao governo cabe, n'este momento, grave responsabilidade nas medidas que tomar.

Diccionario apologetico da Fé Catholica

Recebemos, o fasciculo n.º 15 d'este grandioso Diccionario de J. B. Jaugey, traduzido pelo intelligente professor Padre José Lopes Leite de Faria.

A opinião da imprensa que tem sido unanime em elogiar este trabalho, unico que se tem publicado em Portugal, é garantia segura de que o sr. Antonio Dourado, deverá colher um exito muito rasoavel, apesar das enormes despezas que demandam obras de vulto como esta.

A todos os bons catholicos é dever

auxiliar esta publicação digna de figurar na estante do mais meticuloso.

Os artigos mais importantes que encerra este fascículo, são os seguintes:

Diluvio.

Direito do Senhor, por P. Guilleux.

Dispensas, por Dr. J. D.

Divinação.

Divorcio, por Dr. J. D., e *Divorcio (O) dos Principes e a Igreja*, por P. Guilleux.

Dogma Catholico, por F. Perriot.

Continua a assignatura aos volumes e fascículos, sendo estes ao preço de 100 reis, de 48 paginas de texto a duas columnas e em typo muito legivel.

Editor Antonio Dourado—**Rua das Flores n.º 42, 1.º—PORTO.**

«Correio Nacional»

Este nosso presado collega da capital publicou um numero especial, no dia 20 do mez findo, commemorando a festa da coroação de Sua Santidade o Papa Leão XIII, em que, alem de trazer uma escolhida e esplendida collaboração em prosa e verso, traz trez formosas gravuras representando o Summo Pontifice, o Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, e o presidente internacional dos festejos ao chefe da Igreja. Felicitamos o nosso collega pelo seu primoroso brinde.

O jubileu pontifical

O governo francez vai enviar a Leão XIII, por occasião do seu jubileu pontifical, duas seberbas tapeçarias representando duas passagens da vida de Joanna d'Arc.

A primeira tapeçaria representa Joanna d'Arc em extasis diante da sua casa de Domrémy, ouvindo o appello de S. Miguel, que lhe estende uma espada, mostrando-lhe ao longe os horrores da guerra.

A outra tapeçaria mostra Joanna d'Arc a cavallo, a fim de se dirigir ao Delphim de França.

«Santa Lydwina de Schiedam

Temos deante de nós na nossa meza de trabalho esta formosa obra, devida á penná elegante de Huysmans, um dos mais distinctos litteratos francezes, e correctamente traduzida em vernaculo pelo snr. B. da Costa Pereira.

E' uma obra, que, ao mesmo tempo que recrea, instrue. E tanto convem ás pessoas piedosas, que se comprazem em lêr obras de devoção, em que relatam a vida mystica dos eleitos do Senhor, como aos litteratos que procuram obras escolhidas, em que o primor do estylo os enleve o delicio.

E, devemos convir que é deveras extranha a vida de Santa Lydwina; que foi um ente que estava vivo, e a

desfazer-se quasi putrefacta, tal era a enormidade de chagas que a cobriam; e todavia ardia em amor de Deus, e nos extasis a que se entregava, sentia-se ditosa e feliz, no meio dos seus atrozes soffrimentos.

Mas tudo isso está tam bem escripto, tam primorosamente traçado; e sobretudo e principalmente tam correcta e perfeitamente traduzido em portuguez, que enleva e seduz o leitor, lendo esse artistico e estranho livro de litteratura religiosa.

E' livro que fica bem em todas as estantes. Pena é que o editor não tivesse obtido para elle a approvação da auctoridade ecclesiastica, porque então se poderia dizer d'elle que era ouro sobre azul.

Em todo o caso, repetimos, é obra que deve ser lida pela sua importancia, e pelo assumpto de que trata, pois que a vida de Santa Lydwina é effectivamente uma das mais extraordinarias vidas de santas de que temos conhecimento.

Ao illustrado e erudito traductor agradecemos a amabilidade da dedicatória feita a esta redacção.

Encyclopedia portugueza illustrada

Recebemos o fasciculo 160 d'este valioso dicionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 578 artigos e 17 figuras (*Diaptyose* a *Didion*). Entre os artigos mais apreciaveis d'este fasciculo apontaremos: *Dias*, do snr. Firmino Pereira; *Dias* (José Simões), do snr. Albino Simões Dias Cardoso; *Dias* (Theophilo), do snr. dr. Valentim de Magalhães, e *Diathese*, do snr. dr. Alberto d'Aguiar.

Continua a assignar-se este valioso dicionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.ª, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.ª. Rua do Marçal Saldanha, 26.

Varias noticias

A direcção geral de instrucção publica telegraphou a todos os governadores civis, pedindo para enviarem com urgencia á mesma direcção geral, uma nota de todas as escolas que estejam vagas nos seus districtos, afim de se abrirem os respectivos concursos para os seus provimentos.

—A direcção do serviço de molestias infecciosas do Porto pediu á direcção geral das alfandegas lhe seja concedida a isenção dos direitos aduaneiros dos instrumentos e accessorios que se acham na alfandega d'esta cidade,

importados de Paris, e que se destinam ao instituto de Bacteriologia.

—Tem andado atea-la a epidemia da *influenza*. Poucas são as casas que não tenham sido visitadas por esta incommodativa doença. Conta-se por milhares, os atacados. Felizmente tem sido benignos a grande maioria dos casos.

—No dia 19 do mez findo fomos visitados pela tuna dos estudantes de Vallhadolid, e que entraram n'esta cidade, já provenientes de Lisboa e Coimbra, ás 11 horas e meia da manhã. Realisaram uma sessão solemne no edificio da Escola-medico-cirurgica, e á noite deram um concerto, em espectáculo de gala, no theatro do Principe Real, tendo sido todos muito applaudidos.

—Tem havido muitas desordens e muitos conflictos em Barcellona, por causa da greve geral. Durante alguns dias estiveram fechadas as fabricas e os estabelecimentos, não giraram carros americanos, e até os jornaes deixaram de publicar-se. Consequencias da falta de religião, e da má orientação que tem seguido o partido socialista.

—O conselho geral de instrucção publica resolveu crear mais escolas primarias no Porto, assim como tambem resolveu reorganisar o ensino primario d'esta cidade. Tambem ficou resolvida a reorganisação da Academia, escola e museu de Bellas-Artes, n'esta cidade. Oxalá que não sejam medidas que fiquem unicamente no papel.

—Apezar de todas as providencias tomadas, continua a febre aptosa a atacar os animaes, em quasi todo o paiz. Felizmente não tem sido atacados os individuos da especie humana. Ainda ha dias em Almada, por terem corrido boatos alarmantes, foi o snr. Baganha intendente da pecuaria, inspeccionar algumas pessoas, mas nada encontrou que justificasse taes apprehensões.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos dignos assignantes que se acham em debito do anno findo a especial fineza de mandarem satisfazer de prompto a importancia da sua assignatura.

Prevenimos tambem a todos aquelles que desejarem o brinde a IMITACÃO DE CHRISTO, traducção do Rev.^{mo} Padre Marinho, de mandarem mil reis pela sua assignatura, do corrente anno, pois o praso para se poder obter, termina a 31 de março proximo.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial
Portuense de 1887, Industrial
de Lisboa de 1888 e Univer-
sal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro,
lisos e lavrados; paramentos para egreja;
galões e franjas d'ouro fino e falso;
selim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas
familias reaes Portuguezas.

ANNUNCIOS

As Tres Rosas dos Escolhidos

Tradução da 2.^a edição franceza

PELO

Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

*Approvada e recommendada
pelo Em.^{mo} Sr. D. Americo, Cardeal Bispo
do Porto
e pelo Ex.^{mo} Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra*

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12
francos de porte, dirigindo-se ao editor José
Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—
Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-
sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra da
Cinco Ubagas de Nosso Senhor Jesus Christo.
Cento, 600; avulso, 10 reis.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS
OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.^a edição franceza a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catho-
licos. Preço 600 reis.

Meditações

para o mez de Maio

Pelo Padre Affonso Muzzarelli da Companhia
de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com
a Santissima Virgem para todos os dias, e to-
cantes exemplos extrahidos das obras de Santo
Affonso Maria de Ligorio e de outros bons au-
ctores. Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal
Bispo do Porto—1 vol., 100 reis. enca-
dernado 160

FLORES A S. JOSÉ

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno
com exemplos apropriados, colloquios, etc.

*Extrahidas das Sagradas Escripuras, Santos Padres, doutores da Egreja
e outros eminentes auctores*

E COORDENADAS POR

A. L. F.

Obra approvada e indulgenciada

Preço encadernado . . . 200 reis

**A Santa Montanha de La Sa-
lette**—Por A. J. Almeida Garret—Approva-
do pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto
—1 vol., broch. 400

A Questão dos Jesuitas—Por J.
F. da Silva Esteves—1. vol., broch. 600

Uma Visita a Lourdes—Pool Ex.^{mo}
Sr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200

Catholicismo para uso do povo contra
o protestantismo, composto pelo Cardeal Cues-
ta, Arcebispo de S. Thiago—Approvado pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

A Mulher—Apontamentos para um li-
vro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo
Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães—1 vol., bro-
ch. 400

Resumo da Doutrina Christã
—Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do
Porto—Cada cento, 1\$000 réis—Um exem-
plar. 20

**Ladainhas ao Sagrado Cora-
ção de Jesus**—Approvadas para toda a
Egreja pelo Summo Pontífice Leão XIII. por
decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de
1899. 10

Forma de se ganhar com especialidade
a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

Preces que por ordem de Sua Santida-
de Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos,
depois das missas rezadas em todas as egrejas
do orbe catholico—Tradução approvada pelo
Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—Em portugez,
10 reis — Em latin e portugez 50

**Vida Popular de S. João de
Deus**—Fundador da Ordem que usa o seu
nomé e padroeiro de todos os hospitaes do
mundo catholico, pelo Padre Ignacio Maria
Maguin, sacerdote da mesma Ordem—Versão
do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diver-
sas approvações—1 vol., broch. 600

Oração para se offerecer a Sagrada
Communhão—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo}
Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitula-
r. 40

Relação Geral das freguezias da dio-
cese do Porto. 1 vol., broch. 300

Sorrisos d'um velho—A verdade
a ris—O erro chorando.—Com approvação do
Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo
Ex.^{mo} Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol.,
Broch. 400

**Vida Popular de S. Vicente
de Paulo**, pelo Padre Berbigner, conego
honorario de Bordeus e Arcyepreste do Ligor-
no—traduzida do francez, por M. Fonseca—
Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo
do Porto—1 vol., broch. 400

A Confissão Sacramental—Pelo
Ex.^{mo} Sr. Padre Manuel Marinho—Com apro-
vação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto—1
vol., broch. 250

**O Apostolado da imprensa—
O Apostolado da educação—O**

Apostolado do clero—Conferencias
religiosas que nos domingos da quaresma de
de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral
do Porto, Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues
Vianna—3 vol., broch. 750

**Os Milagres de Lourdes e o se-
culo XIX**—Considerações sobre os mila-
gres e replicas aos «espiritos fortes» que os
põem em duvida pelo padre J. J. G. 100

Bento José Labre—Tributo de res-
peito no seu primeiro centenário, por Francis-
co d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de
Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr.
Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Tudo por Jesus ou caminhos faceis
do amor divino, pelo Rev. Padre Frederico
William Faber, Superior do Oratorio de S.
Philippe de Nery, de Londres, Doutor em
Theologia—Obra traduzida do inglez para o
francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua-
ra para o portugez por F. Preto Pacheco—1 vol.,
broch., 600—enc. 800

Jesus Vivo no Padre—considera-
ções sobre a excellencia e santidade do sacer-
docio, pelo Rev. Padre Milelt, da Companhia
de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza, pelo
Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approva-
ção e recommendação dos Prelados portuge-
zes—Um grosso vol., broch., 700 enc. 900

O mez dos Finados—Meditações
para todos os dias do mez de Novembro—Com
approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do
Porto—1 vol., broch. 300—enc. 400

Oração Funebre, do Ex.^{mo} e Rev.^{mo}
Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes,
Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e
futuro successor de Lamego, recitada nas so-
lemnes exequias celebradas na egreja do Semi-
nario conciliar de Braga no dia 10 de julho de
1890—Preço. 250

Defesa da Crença Catholica—
(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr.
Theophilo Braga) por João Manuel de
Abreu. 500

**Jesuitas e mais alguma coi-
sa**—Estudo pittoresco da Companhia dentro
e fóra da *grainha*, escripto nas horas do bom
humor, pelo seu autor Antonio João Rodrigues
da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philoso-
phia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., Bro-
ch. 200